

Maquiagem para o casamento.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

Aquele seria mais um casamento na roça, mas não era uma cerimônia de quadrilha da festa junina. O povo estava animado, pois Lindalva era a primeira a se casar numa prole de quinze filhos da família Campos da Mata, no vilarejo do Cacique Jumá, interior da Paraíba.

Ela e Jailson já estavam noivos há 5 anos e não viam a hora da união na igreja. A noiva não tinha quem fizesse a maquiagem, então Edilene, uma conhecida da família, ficou encarregada de fazer o serviço. Entregaram à moça uma pequena bolsa de cosméticos com batom e sombra, mas com a falta do blush, seria usado o urucum. Como não havia lápis creom, a moça pediu um cotonete para marcar os olhos com uma passada fina da sombra preta.

De repente, antes do almoço, a energia acabou no vilarejo devido a uma falha no sistema da principal hidrelétrica do estado. Como o problema fosse resolvido somente na segunda-feira, logo o casamento seria à base de luz de lamparina e liquinho.

No fim da tarde, foi aquela correria. Após o banho às 17 horas e, como era inverno, o dia escurecia mais cedo. Assim, Edilene teve dificuldades em fazer a maquiagem de Lindalva.

— Olha o que vai fazer na minha “cara”, hein, Edilene? Eu quero ficar deslumbrante para o Jailson.

— Você vai ficar maravilhosa, Linda, vai sim.

Já passava das 19 horas e veio a charrete para levar a noiva à igreja. A maioria dos convidados não tinha carro, por isso era preciso fazer uma boa caminhada.

Como a igreja estava bem iluminada com vários liquinhos, todos perceberam o quanto a maquiagem de Lindalva estava horrível. Os olhos muito pretos de tanta sombra pareciam que a noiva havia levado dois socos. O batom estava totalmente fora do contorno da boca. O urucum ficou tão borrado nas bochechas que manchou até as orelhas.

Edilene percebeu o estrago que fez no rosto da noiva, mas fingiu que nada houvesse acontecido.

Quando Lindalva chegou ao banheiro, porque teve uma baita dor de barriga, deu um berro ao se ver no espelho:

— Edilaaaaaaaaaaaaaaaaane!

— O que foi? — gritou a moça.

— Oxente, que tu fez na minha cara? Qué acabá com o meu casamento, mulé?

— Desculpe, tentei fazê a melhor pintura, mas não tinha luz direito. — Disse a moça já tentando ajudar a limpar tamanha feiura no rosto.

Foi um corre-corre para encontrar uma bucha vegetal e um sabão qualquer para tentar lavar o rosto de Linda. Ela começou a chorar e as manchas iam escorrendo pelo pescoço.

Após muito esfregar o rosto, a noiva conseguiu limpar um pouco da maquiagem. Foi preciso tirar o vestido para não manchá-lo. Uma convidada, que morava ao lado da igreja, levou um pouco de farinha de beiju peneirada para tentar aliviar o vermelhão que se formou na boca e na bochecha: mistura de maquiagem com o atrito da bucha. Como ninguém tinha um brilho labial, passaram banha de porco na boca de Linda.

Contrariada, a moça se vestiu novamente, pois o noivo já estava à sua espera na porta da igreja. Os convidados tentavam não comentar a situação, mas parecia uma maquiagem de picadeiro de circo.

— Por favor, Linda, me perdoa! Não fiz por mal. Estava escuro e nem percebi.

Lindalva não estava nada satisfeita com o ocorrido. E antes de colocar os pés na porta, já de mãos dadas com seu pai, falou com Edilene dando uma risadinha entre os dentes:

— Na hora de voltar para a fazenda, porque todo mundo vai a pé, tome cuidado com o mata-burro, ou vai tomar um tombo feio, viu?

O casamento foi o mais bonito da região, mesmo com a noiva cheia de farinha de beiju no rosto para “desmanchar” a maquiagem borrada.

Felizmente, o fotógrafo, ao atravessar uma pinguela quando iria fazer o registro da festa de Linda e Jailson, desequilibrou-se e a máquina foi levada pelas águas do rio Piancó. Como nenhum outro convidado tinha máquina fotográfica lá em 1985, só restou a lembrança do casamento da noiva com a “cara de palhaço”.

Durante a caminhada de volta para a fazenda, uma turma de gente andava pelo mato e Edilene estava junto. Tudo muito escuro e sem luz pelo caminho. Somente a lua guiava os passos do povo. A moça tropeçou e caiu num mata-burro. Tentou de todo jeito se apoiar numa senhora que estava à sua frente, mas não conseguiu. Era uma beira de penhasco. Ela caiu num buraco de uns dois metros. Na hora, veio em sua cabeça a imagem de Linda falando do buraco. Gritou, Gritou, mais ninguém respondeu. Não havia outro remédio a não ser tentar sair de lá, porém estava muito escuro.

“E se uma cobra ou outro bicho passasse por ali?” — Pensou Edilene com desespero.

Como era inverno, ela estava com um casaco longo. Então tirou a roupa pesada e fez dela o seu cobertor. Ficou ali quieta até que amanhecesse.

No outro dia, certos de que Edilene havia caído no mata-burro, Linda e Jailson foram até o local. Encontraram a moça toda picada de mosquito borrachudo.

— Sobreviveu, mulé? Eu avisei do mata-burro! Anda, pega na minha mão.

— Ô Linda, me perdoa. Eu tentei fazê uma maquiagem bonita, mas sem luz, né?

— Tô vingada agora, mulé! Quase acabou com meu casamento. Isso é pra tu aprendê a fazê as coisa direito!

O rosto da esposa de Jailson ainda estava manchado de urucum. Ao ver aquela situação, Edilene ainda teve vontade de rir, mas cheia de picada de mosquito não havia jeito, porque a boca estava meio torta.

Os três voltaram para a fazenda sem dar uma palavra durante a caminhada. Edilene, vermelha de borrachudo e Linda, ainda vermelha de urucum.

Bastante envergonhada da situação, Edilene prometera ali mesmo que, a partir daquele dia, ela iria procurar uma escola de maquiagem para fazer cursos e quem sabe, um dia, se tornar uma reconhecida maquiadora profissional.

E assim ela fez.

No início dos anos 2000, Edilene começou sua carreira internacional. E todas as vezes que dava um curso, na primeira aula, ela contava sobre o triste incidente daquele casamento com a maquiagem de “cara de palhaço”. Alunas e alunos riam do caso, porém aprendiam ali que ninguém nasce sabendo e que, quando alguém quer muito uma determinada coisa, é preciso, sim, correr atrás daquilo que tanto deseja.
